



**JAMES**

LAID R 1993

Universal



**Pop 90**

NÃO ERAM novatos os James, amigos de uma pop ligeiramente alternativa à faixa do meio, quando chegaram às mais opulentas colunas de som. «Sit Down», single de 1989 relançado com apetite mais roqueiro em 1991, iniciou um novo rumo na carreira destes nativos de Manchester – eles que nunca foram realmente pop pastoral e também não alinharam em absoluto pelo baile Madchester –, e o sucessor do celebrado Seven (com «Born of Frustration» à cabeça) fez as vezes de prova de fogo. Declaradamente pop no corte (fino), *Laid* convocou Brian Eno para a produção e, a um par de anos da explosão britpop, estava encontrado o último fôlego *jangle* para os «órfãos» dos Stone Roses, com o peso da intensidade das palavras cantadas por Tim Booth: «Say Something» e «Some Times» resistem para prová-lo (e os extras da reedição são generosos). LG



**THE PRODIGY**

THE DAY IS MY ENEMY

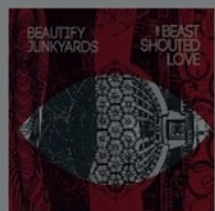
Cooking Vinyl/Papstock



**Pé no acelerador**

SEIS ANOS depois do algo injustiçado *Invaders Must Die*, os britânicos Prodigy regressam com um disco que coloca, mais do que

nunca, a tónica nas raízes *raver*. Em *The Day Is My Enemy* há muito pouco espaço para respirar e Liam Howlett, Keith Flint e Maxim mostram-se zangados e prontos para a batalha, com temas como «Rebel Radio», «Destroy» ou «Rok-Weiler» a irem de encontro àquilo que nos habituámos a esperar deles – o que, aqui, está longe de significar estagnação ou que o disco seja previsível. «Ibiza», um dos temas mais fortes de *The Day Is My Enemy*, pede ajuda ao vocalista da banda-sensação Sleaford Mods para apontar o dedo ao «facilitismo» da cultura DJ atual; «Nasty», «Get Your Fight On» e o exótico «Medicine» soam a evolução natural de *The Fat of the Land*; mas é o potentíssimo tema-título, inspirado numa canção de Cole Porter, que ajuda a elevar este coeso, e noturno, álbum a outro nível. MRV



**BEAUTIFY JUNKYARDS**

THE BEAST SHOUTED LOVE

NOS Discos



**O retro é novo**

ESTÁVAMOS em 2010 e o primeiro tema de *Twelve-Wired Bird of Paradise*, recém-chegado álbum dos portugueses Hipnótica, dava-nos ideias. «Playground» era, inesperadamente, acústico e pastoral, pouco soando à eletrónica urbana que João Kyrón e parceiros vinham tecendo desde meados dos anos 90 – e se daí para a frente fosse sempre a andar para trás, rumo à cave psicadélica da folk dos anos 60 e 70? Os Beautify Junkyards – Hipnótica em retiro rural – aceitaram o desafio telepático e atiraram-se a um excelso álbum de versões de Vashiti Bunyan aos

Kraftwerk, levando agora a investida mais longe ao assinarem originais em inglês e portugueses. O resultado é aéreo e espaçoso, cândido e melódico (com várias maravilhas à espreita, vide «Canterbury» ou «Rite of Passage») aqui e ali mais dormente, mas poucas vezes monótono. LG



**ALDINA DUARTE**

ROMANCE(S)

Sony Music



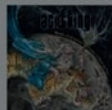
**Novo novo fado**

DESDE as «óperas» de Amália ou das orquestras que dialogaram com Carlos do Carmo encontramos episódios de reinvenção no fado. E o novo disco de Aldina Duarte tem tudo para marcar entre momentos maiores que juntam a carga de um saber clássico à capacidade de ir mais longe. Não só se ensaia a ideia de contar um romance escrito em verso – por Maria do Rosário Pedreira – para melodias de fados tradicionais (aliando, outra vez, a literatura à história do fado), como há um «dois em um» na maneira de o mostrar. Primeiro, recorrendo às linguagens clássicas do fado (Aldina Duarte é brilhante neste departamento). E depois num segundo disco em que, de uma aventura com Pedro Gonçalves (e colaborações vocais de Camané, Ana Moura e Filipa Cardoso), nasce um filme – as imagens imaginamo-las nós – onde as mesmas canções experimentam outros caminhos, de uma possível ideia de fado-blues assombrado até uma visão pop que Variações aplaudiria («As Novas»), do conjunto nascendo um dos mais cativantes discos que a música portuguesa nos deu a ouvir nos últimos tempos. NG

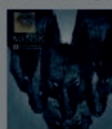
**Metais Pesados**

por José Miguel Rodrigues [jmr@loudmagazine.net](mailto:jmr@loudmagazine.net)

COM APENAS quatro lançamentos de longa-duração numa carreira que já ultrapassou as duas décadas, os **ACID KING** estão muito longe de ser uma banda profícuca, mas continuam a manter-se como referência no espectro do stoner/doom. Dez anos



depois do pico criativo com *III*, o trio liderado pela guitarrista/vocalista Lori S. volta à carga com oito temas que desfazem quaisquer dúvidas em relação à sua vitalidade. Apesar da ausência dos estúdios, a banda de São Francisco continua a alicerçar as suas composições em riffs gigantes e carregados de fuzz, apoiados numa secção rítmica que se movimenta em compasso lento e dá aos 54 minutos que perfazem [*Middle Of Nowhere, Center of Everything* (★★★★) Svart Records] o balanço pesadão, melancólico e até um pouco preguiçoso que se pretende de um lançamento do género.



Entre 2005 e 2009, os **MINSK** gravaram três álbuns que os afirmaram como uma das mais aventureiras propostas saídas da vaga de projetos pós-metal inspirados pelos Neurosis e Isis. Fruto do cansaço provocado pelas inúmeras digressões e da saturação que se abateu sob o estilo, os norte-americanos votaram-se a um hiato que os vê reaparecer agora, seis anos após o último sinal de vida, com uma formação renovada. O vocalista/teclista Tim Mead e o guitarrista Chris Bennett são os únicos sobreviventes do núcleo fundador, mas a banda mantém a mesma vontade de fundir as progressões do pós-rock, riffs monolíticos e atmosfera a rodar. Do alto dos seus 76 minutos de duração, [*The Crash & The Draw* (★★★★) Relapse] é o disco mais ambicioso que alguma vez gravaram, um épico que proporciona uma experiência que consegue ser, simultaneamente, feroz, envolvente, ritualista e psicadélica.

Idealizados pelo guitarrista e vocalista Vlad como um projeto de grindcore, os **NECROWRETCH** acabaram por transformar-se numa banda a sério e sofreram intensas mutações sonoras, sendo hoje rotulados como death/black metal. À semelhança da estreia *Putrid Death Sorcery*, de 2013, [*With Serpents Scourge* (★★) Century Media] apresenta nove temas *old school* e mostra o trio a jogar pelo seguro. Sem arriscarem um milímetro, os franceses embarcam num desfile de clichés, dos riffs à produção lo-fi tudo é uma viagem nostálgica, que remete para uma altura em que Entombed, Sepultura e Morbid Angel estavam entre o mais excitante que a música extrema tinha para oferecer. Duas décadas depois, a validade deste tipo de som recai sobretudo na composição e é aqui que Vlad e companhia falham redondamente – não há nada que agarre o ouvinte pelo pescoço e o enfoque na velocidade excessiva torna o resultado final demasiado convencional para não soar requeitado.



Nada avessos a mudanças de pele, os holandeses **URFAUST** têm sabido exatamente como manter-se uma besta estranha e peculiar desde que, há mais de uma década, começaram a fazer música. Com raízes no *dark ambient* de inspiração medieval, o misterioso duo formado por VDDRBR e IX tem feito incursões pelos territórios do black e do doom metal, explorando ocasionalmente ambientes psicadélicos influenciados pelo uso de substâncias lícitas e ilícitas, com o único intento de criar atmosferas tão singulares e sombrias quanto possível. Não é, por isso, estranho que, em [*Apparitions* (★★★★) Ván], EP de 44 minutos gravado numa só noite, ensaiem um regresso aos ambientes mais espartanos que dominaram a génese do projeto. Com o black metal a que são habitualmente associados reduzido ao essencial (como se pode ouvir em «The Healer»), estas quatro composições – a mais longa ultrapassa os 20 minutos – acabam por ser mais uma intrigante anomalia num catálogo tão diverso que chega a soar desconcertante.

Nada avessos a mudanças de pele, os holandeses **URFAUST** têm sabido exatamente como manter-se uma besta estranha e peculiar desde que, há mais de uma década, começaram a fazer música. Com raízes no *dark ambient* de inspiração medieval, o misterioso duo formado por VDDRBR e IX tem feito incursões pelos territórios do black e do doom metal, explorando ocasionalmente ambientes psicadélicos influenciados pelo uso de substâncias lícitas e ilícitas, com o único intento de criar atmosferas tão singulares e sombrias quanto possível. Não é, por isso, estranho que, em [*Apparitions* (★★★★) Ván], EP de 44 minutos gravado numa só noite, ensaiem um regresso aos ambientes mais espartanos que dominaram a génese do projeto. Com o black metal a que são habitualmente associados reduzido ao essencial (como se pode ouvir em «The Healer»), estas quatro composições – a mais longa ultrapassa os 20 minutos – acabam por ser mais uma intrigante anomalia num catálogo tão diverso que chega a soar desconcertante.



ambientes psicadélicos influenciados pelo uso de substâncias lícitas e ilícitas, com o único intento de criar atmosferas tão singulares e sombrias quanto possível. Não é, por isso, estranho que, em [*Apparitions* (★★★★) Ván], EP de 44 minutos gravado numa só noite, ensaiem um regresso aos ambientes mais espartanos que dominaram a génese do projeto. Com o black metal a que são habitualmente associados reduzido ao essencial (como se pode ouvir em «The Healer»), estas quatro composições – a mais longa ultrapassa os 20 minutos – acabam por ser mais uma intrigante anomalia num catálogo tão diverso que chega a soar desconcertante.